

Monsenhor Montenegro

J.C. Alencar Araripe

Com a morte de monsenhor Francisco Holanda Montenegro, desaparece personalidade conspícua do clero cearense e educador de notável atuação na cidade do Crato. Emocionou-me a notícia do seu desenlace.

Vem de longe a admiração que tenho ao pranteado sacerdote e mestre. Fui seu aluno no Seminário São José, no Crato. E a impressão primeira que dele me ficou foi a que conservei até hoje.

Além de professor, desempenhava a função administrativa de Prefeito de Disciplina ou Vice-Reitor do Seminário. Em todas as ocasiões, um homem compenetrado de suas responsabilidades, mas de trato ameno.

Nas horas de meditação e oração, mais parecia um asceta, atitude que ele conservou com naturalidade pelo tempo a fora, e cuja maior força de expressão se traduzia na postura das mãos. Ensinava, igualmente, pelo exemplo, como se vê. Era difícil ao seminarista, negligente, sonolento, escapar aos eflúvios espirituais que emanavam da sua pessoa.

Por essa época, a que me reporto, um livro fazia sucesso nas casas de formação religiosa. Era um livro de Dom Antônio de Almeida Lustosa, de saudosa e santa memória, que se intitulava “Solilóquios infantis ao pé do Tabernáculo”. Pela maneira como Montenegro lia os pequenos capítulos dessa jóia delicada, singela e, paradoxalmente, profunda de misticismo, era de molde a afervorar no culto à Eucaristia.

O Seminário representou o começo de Montenegro na trajetória do magistério. Passando-se depois para o Colégio Diocesano, como diretor, nessa condição permaneceu por 52 anos, a partir de 1938. Não sei se é caso único, com certeza, uma exceção raríssima. Ser professor durante meio-século já constitui algo de singularidade. Na posição de diretor, então, é algo de extraordinário. E de diretor querido e prestigiado.

Na homilia que proferiu na celebração presidida por Dom Vicente Matos, na Catedral do Crato, no jubileu de ouro de sua ordenação sacerdotal, o padre José Alberto Montenegro Castelo destacou esta particularidade, a do mestre que exerce a direção de um educandário, cercado de carinho e apreço, durante quase meio século. Se assim se verificou, dúvida não paira que Montenegro teve o condão de manter-se permanentemente atualizado,

acompanhando a evolução registrada e que, muitas vezes, traduziu verdadeira revolução de filosofia e métodos.

Claro que tal posição foi conquistada à custa de esforço continuado e persistente, de estudos que não conheciam canseiras, e que o levavam à realização de cursos e à participação em congressos, seminários e simpósios. Enfim, não houve acomodação. Pelo contrário, a busca da verdade tornou-se uma constante no labor indormido do sacerdote-professor.

Porque foi também um apóstolo da modernidade conseqüente é que Montenegro, ao integrar o Conselho de Educação do Ceará, tornou-se voz ouvida e acatada, de modo que a sua contribuição ao ensino era sempre valiosa e requestada. E disso dou testemunho pessoal, que privilégio!, pois cumprimos naquele colegiado mandatos coincidentes.

Membro da Comissão da Medalha da Abolição, não imaginaria que teria o encargo de relator da indicação do governador Gonzaga Mota, concedendo ao sacerdote-professor a comanda maior. Foi gratificante a incumbência que recebi e dela dei cumprimento com expressões de tal modo efusivas que levaram às lágrimas o insigne homenageado.

Na cerimônia de minha posse no Instituto Cultural do Cariri; sentei-me ao lado de Montenegro, que a mim se antecipara na prestigiosa entidade. Ao soarem os primeiros acordes da Protofonia do Guarani, tomou-me a mão e ambos nos levantamos, o que foi imitado por todos os presentes. De pé, ouvimos a melodia imortal de Carlos Gomes, interpretada pelo Coral da Sociedade Artística do Crato, sob a regência de Divani Cabral.

Em tocante mensagem que me enviou, por motivo do falecimento de minha mulher Noemi, fala do mistério da Vida e da Morte. Ao final, sentencia: “Por mais paradoxal que pareça, por mais difícil que seja compreender, a Morte é a grande verdade da Vida. Só a fé nos faz penetrar o significado profundo da Morte e nos dá coragem para enfrentá-la com serenidade”.

Nos últimos anos, na sua aprazível vivenda no Grangeiro, nas encostas do Araripe, Montenegro realizou tarefas culturais de expressão. *As quatro sergipanas* marca o seu envolvimento com a genealogia. Livro de merecimento, com destaque para famílias do Crato, de onde é natural a primeira médica cearense, a Dra. Amélia Benebien, formada na Bahia, e que foi, por sinal, a segunda mulher brasileira a conquistar a esmeralda. Dra. Amélia Benebien é nome de rua em Fortaleza, no bairro do Papicú. É tocante o registro do gesto de Carolina Clarence de Araripe Sucupira oferecendo ao Presidente da Província o seu filho único varão, neto de Tristão, como voluntário da

Pátria na guerra do Paraguai. Lembraria mais dois dos seus livros: “Quatro luzeiros da Diocese”, em que faz apologia, dos bispos do Crato, e o que dedicou a Antônio Conselheiro, dentro do processo de reabilitação histórica na tragédia de Canudos. Este seu último livro vale, sobretudo, porque é o depoimento de um sacerdote católico, de estatura mental e espiritual, num episódio em que o procedimento da Igreja, como em outras ocasiões, desgarrou dos padrões morais.

Evocando a figura de Monsenhor Montenegro, reverencio a sua memória no panteon da saudade.